

SOMES VISITOU UNINNOVA PARA APOIAR INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Apenas 153 empresas portuguesas dizem desenvolver actividades de investigação — afirmou o director do Instituto de Desenvolvimento de Novas Tecnologias (UNINNOVA), Leopoldo Guimarães.

Durante a visita que Mário Soares fez àquele Instituto, Leopoldo Guimarães disse que a percentagem de empresas que se preocupam com investigação é inferior a 1% das que possuem mais de cinco trabalhadores.

O director do Instituto explicou que a inovação permanente a que as empresas se vêm hoje obrigadas as faz recorrer a estruturas próprias de investigação — praticamente inexistentes em Portugal — ou as universidades e laboratórios estatais. Só que também estes «não têm tradição de trabalhar para resultados susceptíveis de utilização directa na indústria e serviços».

Leopoldo Guimarães disse que o UNINNOVA — que pertence à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa — constitui hoje o primeiro parque de ciência e tecnologia em Portugal que está de acordo com os critérios da CEE.

Vinte e seis empresas e instituições portuguesas estão hoje já a trabalhar com este Instituto, que dispõe a partir de agora de três novas centrais: inteligência artificial, robótica inteligente e ecologia para o ambiente.

Na cerimónia de assinatura de protocolos destes três centros com diversas entidades, o director-geral do Ensino Superior, Clemente Pedro Nunes, considerou desejável que os professores universitários passassem os seus anos sabáticos na indústria. Em contrapartida, também técnicos da indústria deveriam estagiar e ensinar na Universidade.

Na escola de engenharia — acrescentou — mais de 85% dos docentes nunca viveu, nem trabalhou fora da Universidade.

«Os sintomas são já alarmantes e a tendência é ainda para um progressivo agravamento» — acrescentou Clemente Pedro Nunes.

Segundo ele, a autonomia do pensamento científico universitário deve significar «independência, isenção, rigor e exigência de qualidade».

Por isso, o director-geral do Ensino Superior pensa que essa autonomia deve ser garantida de que «não haverá lugar a servilismo ou a promiscuidades com o mundo empresarial».

Para Clemente Pedro Nunes, a Universidade e as empresas são dois parceiros «condenados a entenderem-se, não a substituírem-se» no exercício de funções.

Segundo este técnico, sem os necessários centros de investigação, a indústria portuguesa, designadamente a química, não estará em condições de vingar na Europa comunitária.

Deu como exemplo do «panorama contrariante» que actualmente se verifica em Portugal neste domínio o facto de apenas 0,5% dos 2500 doutorados portugueses em ciência e tecnologia trabalhar a tempo inteiro no sector produtivo.

Os restantes 99,5% são docentes de carreira no Ensino Superior ou trabalham em laboratórios de Estado.



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Empresas - rel. C/ Universidade